



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS III
COLEGIADO DE PEDAGOGIA

MEMORIAL DE PODCAST:
AS ANGÚSTIAS EM SER DOCENTE: ASPECTOS DO
TRABALHO QUE OCASIONAM O ADOECIMENTO NO EXERCÍCIO
DA PROFISSÃO

Juazeiro/Ba

2021

Elissandra da Cruz Ribeiro
Tathiana da Silva Souza Lopes

MEMORIAL DE PODCAST:
AS ANGÚSTIAS EM SER DOCENTE: ASPECTOS DO
TRABALHO QUE OCASIONAM O ADOECIMENTO NO EXERCÍCIO
DA PROFISSÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas do Campus III (DCH III) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em Juazeiro, BA, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Josemar da Silva Martins (Pinzoh)

Juazeiro-BA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
por Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

R484a Ribeiro, Elissandra da Cruz

As angústias em ser docente: aspectos do trabalho que ocasionam o adoecimento no exercício da profissão / Elissandra da Cruz Ribeiro, Tathiana da Silva Souza Lopes. Juazeiro-BA, 2021.
46 fls.: il.

Orientador(a): Prof. Dr. Josemar da Silva Martins.
Inclui Referências

TCC (Graduação – Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Ciências Humanas. Campus III. 2021.

1. Estresse ocupacional – Docente. 2. Saúde do trabalhador – Docente.
3. Qualidade de vida no trabalho – Docente. 4. Doenças ocupacionais –
Docente. 5. Síndrome de Burnout (Psicologia). I. Martins, Josemar da Silva.
II. Lopes, Tathiana da Silva Souza. III. Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Ciências Humanas. IV. Título.

CDD: 158.7

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCHIII
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**Elissandra da Cruz Ribeiro
Tathiana da Silva Souza Lopes**

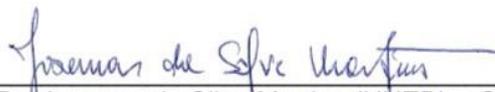
**MEMORIAL DE PODCAST:
AS ANGÚSTIAS EM SER DOCENTE: ASPECTOS DO TRABALHO
QUE OCASIONAM O ADOECIMENTO NO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas do Campus III (DCH III) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em Juazeiro, BA, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Josemar da Silva Martins (Pinzoh)

Juazeiro (BA), 16 de dezembro de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Josemar da Silva Martins (UNEB) – Orientador



Prof^a Ms. Clara Maria Miranda de Sousa (UNEB) – Avaliadora



Prof^a. Dra. Luzineide Dourado Carvalho (UNEB) – Avaliadora

Dedicamos este memorial a todos os professores que exercem a sua função com sabedoria, responsabilidade, honestidade, serenidade e empatia. E em especial às professoras que participaram dessa pesquisa, as quais tem todos estes requisitos listados acima, e que nos deixaram conhecer um pouco sobre as suas intimidades, enquanto docentes.

AGRADECIMENTOS

Nós agradecemos, primeiramente, à Deus por ter nos possibilitado a aprovação no curso de Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e a todos os professores que fizeram parte da nossa vida acadêmica, tanto com os conhecimentos exigidos pelo curso, como também pelos conhecimentos acerca da formação como ser humano. Agradecemos também às professoras que aceitaram colaborar com a nossa pesquisa, pois sem a ajuda delas esse trabalho não teria sido possível. Também agradecemos ao nosso orientador Josemar Martins Pinzoh que nos orientou desde o primeiro momento até o fim do nosso trabalho com sabedoria, compreensão e afetividade. E também agradeço às professoras de TCC e aos professores que estão compondo a banca de TCC. Os nossos agradecimentos também vão para Patrícia Nascimento que nos ajudou com a edição do podcast. Além destes, agradecemos de forma particular aos nossos familiares.

Eu, Elissandra da Cruz Ribeiro, agradeço aos meus pais, Maria e Flamalion, que sempre prezaram pela minha educação e por terem compreendido a minha ausência em alguns momentos e também agradeço ao meu esposo, Mário Custódio, por me estimular em todo o processo de construção desse trabalho, lembrando-me sempre dos prazos de entrega e também renunciando com compreensão alguns momentos de lazer. Agradeço à Tathiana por ter trilhado este caminho comigo.

Eu, Tathiana da Silva Souza Lopes, agradeço ao meu esposo Samuel Lopes, que em todos os momentos me incentivou e não permitiu que eu desistisse, agradeço aos meus filhos, Maria Clara e Josué que me fazem ter motivação diariamente para seguir em frente. Agradeço aos meus pais Evalter e Sirley que me deram a oportunidade de estudar e sempre me incentivaram e deram apoio. Por último e não mesmo importante, deixo também o meu imenso agradecimento a minha colega e parceira Elisandra, sem ela não teria conseguido a concretização deste trabalho.

POEMA PRESO

*A maioria das doenças que as pessoas têm são poemas presos.
Abscessos, tumores, nódulos, pedras...
São palavras calcificadas, poemas sem vazão.
Mesmo cravos pretos, espinhas, cabelo encravado, prisão de ventre...
Poderiam um dia ter sido poema, mas não...
Pessoas adoecem da razão, de gostar de palavra presa.
Palavra boa é palavra líquida, escorrendo em estado de lágrima.
Lágrima é dor derretida, dor endurecida é tumor.
Lágrima é raiva derretida, raiva endurecida é tumor.
Lágrima é alegria derretida, alegria endurecida é tumor.
Lágrima é pessoa derretida, pessoa endurecida é tumor.
Tempo endurecido é tumor, tempo derretido é poema.
E você pode arrancar os poemas endurecidos do seu corpo
Com buchas vegetais, óleos medicinais, com a ponta dos dedos, com as unhas.
Você pode arrancar poema com alicate de cutícula, com pente, com uma agulha.
Você pode arrancar poema com pomada de basilicão, com massagem, hidratação.
Mas não use bisturi quase nunca,
Em caso de poemas difíceis use a dança.
A dança é uma forma de amolecer os poemas endurecidos do corpo.
Uma forma de soltá-los das dobras, dos dedos dos pés, das unhas.
São os poemas-corte, os poemas-peito, os poemas-olhos,
Os poemas-sexo, os poemas-cílio...
Atualmente, ando gostando dos pensamentos-chão.
Pensamento-chão é grama e nasce do pé,
É poema de pé no chão,
É poema de gente normal, de gente simples,
Gente de Espírito Santo.
Eu venho de Espírito Santo.
Eu sou do Espírito Santo, eu trago a Vitória do Espírito Santo.
Santo é um espírito capaz de operar o milagre sobre si mesmo.
(Viviane Mosé).*

RESUMO

Este memorial tem por intuito apresentar o caminho percorrido por nós na construção de um podcast, o qual é produto midiático do nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que tem como tema as angústias em ser docente: aspectos do trabalho que ocasionam o adoecimento no exercício da profissão. Tem como problemática compreender de que forma as demandas laborais, a desvalorização da profissão docente e as pressões burocráticas contribuem para o adoecimento dos professores da escola contemporânea? Assim, busca-se conhecer este cenário de escola atarefada onde se intitula o professor como principal responsável de fazer com que esta instituição atarefada tenha sucesso. Foram feitas a priori pesquisas com autores que estudam a temática do mal-estar na educação, adoecimento docente, síndrome de Burnout entre outras. Posteriormente elaboramos um questionário semiestruturado onde nele se aborda questões sobre o adoecimento de professores no exercício do magistério, as questões englobam causas e consequências do adoecimento, como também, como os docentes lidam com a doença e a tratam. Duas professoras se propuseram a participar da entrevista, seus nomes são fictícios e ambas estavam vivenciando no momento da pesquisa um processo de adoecimento devido a grande carga laboral que tem de ser realizada, diariamente, no cotidiano escolar.

Palavras chave: estresse ocupacional docente; saúde do trabalhador docente; qualidade de vida no trabalho docente; doenças ocupacionais - docente; síndrome de Burnout.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA ESCOLA COMO FATOR DESENCADEANTE DO ADOECIMENTO DOCENTE	11
1.1. Adoecimento docente.....	18
2. PODCAST	20
2.1. Conceituando o podcast	20
2.2. Construção do podcast.....	21
2.2.1. Roteiro.....	23
2.3. Dados colhidos na entrevista.....	27
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

Este memorial versa sobre os procedimentos adotados na construção do nosso podcast que aborda as percepções de duas professoras acerca das causas e consequências do adoecimento no exercício da função docente. Este podcast foi desenvolvido como produto para o nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), exigência parcial para a conclusão do curso de Pedagogia que fazemos na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Departamento de Ciências Humanas do campus III, na cidade de Juazeiro, BA. E tem como tema “*As angústias em ser docente: aspectos do trabalho que ocasionam o adoecimento no exercício da profissão*” e se organiza em torno da questão “De que forma as demandas laborais, a desvalorização da profissão docente e as pressões burocráticas contribuem para o adoecimento dos professores da escola contemporânea? No intuito de responder a esse problema de pesquisa, formulamos como objetivo geral compreender de que forma as demandas laborais, a desvalorização da profissão docente e as pressões burocráticas contribuem para o adoecimento dos professores da escola contemporânea. E como objetivos específicos pretendemos caracterizar o perfil do docente atarefado, típico da organização do trabalho docente na escola contemporânea; verificar quais são as causas dessas angústias pelas quais os professores passam e quais são as consequências disso na psique e no corpo, bem como no trabalho docente; observar como o professor lida e controla suas emoções diante da atual realidade de um cotidiano de sala de aula.

Esse tema foi escolhido por conta da inquietação que sentíamos nos estágios, na experiência que vivemos como bolsistas do PIBID e da Residência Pedagógica. Nessas experiências percebemos que há uma grande demanda de trabalho que os professores precisam desempenhar em um tempo estipulado. Observamos também que os professores, geralmente, não conseguem cumprir com os prazos determinados pela escola, pois, várias são as suas atribuições, sejam elas, preenchimento de relatórios, realizar planos de aula, chamadas orais, formulações de provas e correção delas, participar de formações continuadas, preencher relatórios e formulários, entre tantas outras. Notamos que o fato de não ter tempo suficiente para cumprir com todas as suas funções fazia com que eles ficassem angustiados. E, às vezes, este mal-estar causava o adoecimento de alguns professores.

Dessa forma, todo o tempo do professor e da professora é ocupado com demandas e metas que nem sempre estão relacionadas com a sua função enquanto profissional docente, e quando ele ou ela não consegue cumprir plenamente a essa programação do currículo e das

funções sociais da escola no tempo estabelecido, desencadeia pensamentos e sentimentos de frustração, além de esgotamento e cansaço.

Por conta disso, defendemos que essa pesquisa tem grande relevância para o meio acadêmico e social, pois, possibilitará aos professores entenderem as causas e consequências do adoecimento que surgem no exercício de suas funções docentes e nas relações interpessoais que ocorrem com colegas, com a direção, com a coordenação pedagógica com os alunos e até com seus familiares e amigos podem ter origem na própria instituição escolar em que trabalham. Também será de grande importância para os futuros professores, porque estes terão a oportunidade de saber um pouco sobre a realidade da escola e, a partir disso, buscar estratégias de cuidado de si para não deixar que o mal-estar decorrente do trabalho se torne um adoecimento. E caso já estejam doentes podem, do mesmo modo, desenvolver estratégias para restabelecer a sua saúde. Pode contribuir também com elementos de reflexão para que os órgãos educacionais pensem formas de evitar o adoecimento docente nas escolas.

Para a realização desse trabalho, escolhemos a pesquisa exploratória a qual, conforme Gil (2008, p. 27), é desenvolvida “com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizar”.

O método utilizado por nós foi um estudo de campo tendo uma abordagem qualitativa, onde buscamos compreender as angústias dos professores mediante o contexto em que estão inseridos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas a fim de identificar os fatores condicionantes e as consequências do adoecimento docente.

As pesquisas qualitativas têm como características básicas se desenvolver em

[...] ambiente natural como fonte direta de dados, onde se tem a figura do pesquisador como principal instrumento, onde este se disponibiliza a frequentar os locais de estudo e se preocupa com o contexto e questões levantadas. Neste tipo de pesquisa, a análise de dados tende a seguir um processo indutivo em que as abstrações são construídas na medida em que se agrupam os dados da realidade (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 48-50).

É importante lembrar que este tipo de pesquisa busca descrever com fidelidade “como as coisas são na realidade”, com isso pretende-se garantir o rigor científico, qualidade e veracidade nos resultados esperados. Nesse sentido, Gil enfatiza que a pesquisa descritiva tem “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou

fenômeno” (2002, p. 42). Além dessas características, nota-se a partir da perspectiva de Deslauriers e Kérisit (2010, p. 148), que

[...] a pesquisa qualitativa enfatiza o campo, não como reservatório de dados, mas também como uma fonte de questões. O pesquisador qualitativo não vai a campo somente para encontrar respostas para suas perguntas; mas também para descobrir questões surpreendentes sob alguns aspectos, mas, geralmente, mais pertinentes e mais adequadas do que aquelas que ele se colocava no início.

Dessa forma, a compreensão das experiências que serão vivenciadas no campo de pesquisa, onde há muitos conhecimentos significativos, será de grande relevância para a compreensão do fenômeno estudado por nós. Na elaboração desse trabalho traçamos como metodologia fazer uma pesquisa de abordagem qualitativa, integrando uma parte de estudo teórico sobre o tema e outra de pesquisa de campo com professoras que vivenciam adoecimento decorrente do seu trabalho docente.

Na pesquisa de cunho bibliográfico, lemos e acompanhamos pesquisas que já vêm sendo feitas dentro da temática que estamos estudando que é chamada de “mal-estar” na educação, sofrimento docente, adoecimento de professores e síndrome de Burnout. Assim, selecionamos autores como Esteve (1996) que tem como foco a relação entre as mudanças sociais e a função docente e também o mal-estar docente na sala de aula e a saúde dos professores. Também nos debruçamos sobre as ideias de Jesus (1998) que discute o bem-estar dos professores e as estratégias para realização e desenvolvimento profissional destes. Ele também nos possibilita pensar sobre as consequências da doença para a vida profissional do professor.

Outro autor utilizado em nossa pesquisa foi Bastos (2009) que pensa o mal-estar docente, o adoecimento e as condições de trabalho no exercício do magistério. Manfré (2014) discorre sobre o mal-estar docente e os limites da experiência no tempo presente. E também o nosso orientador Martins (2019) o qual aborda as questões relacionadas à carga excessiva de tarefas atribuídas aos professores na Escola Fundamental atual. Além desses ilustres autores, utilizamos em nosso referencial teórico outros renomados autores, tais como, Pimenta (1999), que pesquisa as questões da formação de professores: identidade, saberes da docência, saberes pedagógicos e atividade docente. E também Tardif e Lessard (2013) que pensam acerca do trabalho docente. Eles criticam as novas abordagens do trabalho por serem baseadas no modelo industrial.

Na pesquisa de campo, fizemos entrevistas semiestruturadas com duas professoras que passam por problemas de saúde decorrentes do seu trabalho docente. A coleta de dados foi

realizada por meio de entrevista semiestruturada. A entrevista, de acordo com Lakatos (1992), é um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

1. A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA ESCOLA COMO FATOR DESENCADEANTE DO ADOECIMENTO DOCENTE

Ao refletir sobre a questão trabalho logo se pensa sobre organizações, sejam elas de caráter com fins lucrativos ou não, todas desempenham um papel na sociedade seja de um formato social ou na forma mercadológica que é quando se visa lucro. O intuito é de obter um resultado através de um trabalho que é executado por um sujeito, colaboradores de determinada empresa são contratados a fim de desempenhar um papel onde no final se conquista um resultado.

O sujeito ao ser contratado por uma empresa, nele se desenha um perfil profissional onde a empresa espera que ele se enquadre e que ele possa desempenhar com excelência na sua jornada de trabalho, a empresa propõe objetivos que almeja que sejam alcançados partindo do trabalho que é executado por esse sujeito, com isso, o profissional desenha mentalmente uma rotina pela qual deve ser seguida, essa rotina pode ser feita através do profissional executor que é aquele que executa o serviço, ou o pode ser o profissional executivo que é aquele que planeja para que um terceiro execute determinada função, tudo isso com um intuito de se atingir um resultado.

O trabalho humano, segundo Tardif e Lessard (2013, p. 32), “consiste em manipular informações, construir uma representação de seu próprio trabalho antes de e a fim de executá-lo”). Ou seja, toda ação humana no exercício de uma profissão tem um motivo que faz com que a ação seja executada, tem uma intenção acerca da maneira que foi pensada anteriormente, ela também pode simplesmente acontecer enquanto os atores desempenham seu papel no decorrer do fazer na sua ação.

Partindo para o pressuposto sobre o trabalho docente, é visto que esse planejamento do trabalho acontece de forma estruturada e planejada, são traçadas metodologias didáticas com a intenção de se atingir um resultado por meio do ensino o qual

[...] se assemelha a um processo de “tratamento da informação” e se aplicam a ele modelos de racionalização tirados diretamente do trabalho tecnológico, sem se dar ao trabalho de questionar sua validade e sobretudo de avaliar seu impacto sobre os conhecimentos escolares, o ensino e a aprendizagem dos alunos. O mesmo acontece também com as “novas abordagens” do trabalho (flexibilidade, competência, responsabilidade, eficácia, necessidade de resultados, etc) que se procuram implantar nas escolas, e que provêm, na maioria, do contexto industrial (TARDIF e LESSARD, 2013, p. 25).

É exatamente neste ponto que começam os conflitos, a escola solicita que seja cronometrado algo, um exemplo disso é quando um determinado tipo de conhecimento é colocado para o aluno, esperando que em determinado período este consiga com êxito assimilar aquele conteúdo que fora proposto, é aí onde entra o embate, pois o espaço escolar é composto de diversas situações que muitas vezes impedem que o professor conceda aquele resultado esperado naquele determinado tempo proposto.

A escola é um emaranhado de situações, é feito um planejamento que nem sempre o professor consegue seguir de maneira exata, é um aluno que tem dificuldade mais do que outro, é um aviso da coordenação aqui, outro ali, que faz com que a rotina da sala de aula se quebre e não haja conclusão daquele conteúdo proposto para aquele dia ou semana, é uma criança que aparece com situações que traz do seu contexto familiar que não pode ser desconsiderado e feito vista grossa como se o problema não existisse, enfim, são inúmeras demandas que no meio do percurso faz com que aquele objetivo antes almejado não seja alcançado no período determinado.

Isto faz com que o professor se sinta angustiado com uma sensação de frustração por não conseguir desempenhar aquilo que lhe fora destinado a fazer por falta de tempo. Nesse ponto, Tardif e Lessard discorre a respeito. Segundo eles a estrutura do tempo escolar é muito exigente para os docentes, visto que ela os obriga “a seguir esse ciclo coletivo e abstrato que não depende nem da rapidez nem da lentidão do aprendizado dos alunos. Essa temporalidade reproduz em grande escala o universo do mundo do trabalho, cadenciado como um relógio” (TARDIF e LESSARD, 2013, p. 75).

Portanto, a escola se converteu em uma instituição atarefada. Um dos motivos pelos quais isso ocorreu nas palavras de Martins (2012, p. 9) foi porque a escola se converteu

[...] na instituição dos excluídos por excelência – na maioria dos casos, a única instituição destinada à inclusão – a ela agregou-se um leque cada vez maior de responsabilidades: além daquelas atribuições que tradicionalmente foram a ela destinadas, como ensinar a ler, escrever e contar, já não basta que dê conta apenas dessas tradicionais funções. Virou uma instituição mais ampla de assistência: Bolsa Família; Saúde na Escola; Direitos da Infância, Adolescência e Juventude; Segurança e Educação Para a Paz; Educação Sexual e Prevenção da Gravidez Precoce; Educação para o Trânsito; Educação Ambiental; Educação das Relações Étnico-Raciais; Educação dos Portadores de Necessidades Especiais, aliás, dos Deficientes Físicos e Intelectuais; Inclusão Cultural e Arte-Educação; Esporte, Inclusão Digital.

Como dificilmente, os professores conseguem cumprir as demandas exigidas pela escola e no ritmo que ela determina, até mesmo porque para isso seriam necessários os conhecimentos

de várias áreas, começam as cobranças, as pressões visando a obtenção de determinados conhecimentos específicos pelos alunos.

Nesse ritmo acelerado, a escola segue com suas contradições, esperando um resultado homogêneo de uma turma heterogênea; esperando que o professor seja humano e cooperativo, mas ao mesmo tempo estimula a competição entre seus colegas a todo tempo; espera que o professor seja reflexivo, no entanto organiza o trabalho de forma que o professor não tem tempo para refletir sobre sua ação, pois o trabalho a ser desenvolvido já vem pronto para ser aplicado. Nesse sentido, Tardif e Lessard (2013, p. 25) ressaltam que “os responsáveis escolares adotam uma atitude prescritiva quanto às tarefas e aos conteúdos escolares; introduzem medidas de eficiência e um controle cerrado do tempo. Assim, os professores tornam-se atarefados.

Ainda nessa mesma linha de raciocínio, Martins (2012, p. 2) enfatiza que o professor hoje tornou-se um profissional

[...] polivalente, multiuso, multifuncional, tornando-se o único personagem que suporta, sobre seus ombros, o peso da responsabilidade de responder às demandas encaminhadas à escola e também a crítica a ela dirigida. Em decorrência disso – e de uma ampla falta de amparo e proteção a ele e ao seu trabalho – o professor adocece, apresenta atestado, evade.

Toda essa exigência e pressão que é posta sobre o profissional da educação ao longo de sua caminhada e de sua jornada diária com a escola e com os alunos faz com que ele sinta-se frustrado com a sensação de nunca conseguir concluir um trabalho, uma angústia por estar sempre extasiado, sem tempo, sem poder muitas vezes curtir um fim de semana com a família, pois além da escola demandar muito dele na semana ele ainda precisa levar trabalho para casa para tentar adiantar algo que parece nunca ter fim, quantas vezes se observa professores saindo de escolas com um emaranhado de coisas nas mãos, livros, planilhas, provas para corrigir.

Essa sensação de atarefamento demasiado traz para ao professor uma angústia muito grande, ele não tem mais prazer no exercício da profissão, não existe brilho no olho, ele não mais enxerga o aluno como sujeito cheios de sonhos e que precisa ser visto e valorizado, ele começa a coisificar o aluno e o trabalho, passa a fazer o exercício do magistério por fazer, não existe mais uma intenção, um prazer e uma sensação boa em ser o responsável por formar pessoas para a vida, começa os sentimentos depressivos, faz uso de remédios, torna-se amargurado, em muitos casos até no convívio familiar com os próprios filhos ele tem comportamentos ásperos e grosseiros.

Dessa forma, o professor passa a desvalorizar a importância da sua profissão e não aconselha que nenhum jovem siga a carreira, alegando ser algo difícil, sem recompensa seja financeira ou de satisfação profissional, o que deveria ser algo prazeroso e algo onde ele deveria ter orgulho torna-se algo insustentável e de grande decepção e ele passa essa sensação para os sujeitos que fazem parte do seu contexto.

Essa pressão toda em cima do professor também causa uma angústia muito grande para esse profissional, pois os resultados não dependem dele, mas de todo um contexto que envolve unicamente a vida de cada estudante de forma totalmente diferenciada. Nesse ponto, Tardif e Lessard (2013), ressaltam que os aspectos sociais que envolvem o entorno onde a escola está situada influenciam no sentimento de prazer ou esgotamento do professor em relação ao seu trabalho

É notório que o exercício do magistério é algo muito complexo e fazer com que o trabalho de um professor seja mensurado como bom ou ruim partindo das competências e habilidades que determinada turma tenha alcançado em um tempo determinado chega a ser uma exigência desumana, pois foge totalmente do controle do professor. Essa demanda de trabalho atribuída ao professor tanto dentro quanto fora do espaço escolar, conforme Pimenta (1999), causa tensões na realização do trabalho docente e também podem provocar no professor uma crise de identidade.

Por conta desses desgastes e sofrimentos docente ocasionados, geralmente, por questões relacionadas à organização do trabalho docente e das relações interpessoais no trabalho, entende-se que é essencial que a formação docente seja feita de forma contínua no espaço escolar. Nessa perspectiva, Nóvoa (2017) defende que a formação continuada deve ser projetada de forma a interligar a formação inicial e permanente dos professores ao longo de todo o seu percurso profissional e destaca também a importância de considerar as necessidades e especificidades dos professores.

O que diferencia o trabalho docente de um trabalho de um outro tipo é a questão social que envolve os espaços escolares, ou seja, a escola é um espaço social e cheio de complexidade. Um exemplo dessa diferença pode ser constatado no cotidiano de um profissional que trabalha na indústria, ele tem objetivos a serem alcançados através de uma atividade onde ele próprio executa, ele traça mentalmente o trabalho que deverá ser executado onde em muitos casos o resultado satisfatório depende unicamente dele.

Já o professor não pode trabalhar dessa forma, pois, ele pode até propor objetivos, mas o resultado de uma turma ele não conseguirá mensurar com precisão pois a sala de aula é

composta por turmas heterogêneas, onde cada indivíduo tem sua história, seus contextos diversos, cada um tem um ritmo de aprendizagem que é único, onde um aprende primeiro, o outro aprende depois. O que ocorre é que o sistema solicita uma homogeneidade de uma turma totalmente heterogênea onde as competências e habilidades de cada um irão surgir, mas cada uma a seu tempo.

Nessa perspectiva, entende-se que no ambiente escolar há muitas demandas e contradições, onde tudo é imprevisível e os seus agentes precisam resolver problemas que surgem a todo momento.

A escola contemporânea vem sendo transformada na medida em que a sociedade também passa por modificações, ela é um reflexo da sociedade e não se desvincula das questões que permeiam a vida dos sujeitos de determinado contexto social. Nesta situação, onde se detecta uma sociedade bastante dinâmica, as informações circulam em todo tempo, informações essas que chegam e vão na mesma velocidade, onde os sujeitos levam para os espaços escolares todas as suas angústias, seus medos, frustrações, insegurança social, irritabilidade, em muitos casos, famílias desestruturadas e violência doméstica. É este aluno que compõe o espaço escolar e torna-se impossível ele não trazer essas vivências consigo, ele não consegue deixar essas questões do lado de fora dos portões da escola.

O estudante traz para dentro da escola toda essa bagagem que faz parte de sua vida em seu cotidiano, em tal caso, o professor se vê literalmente de “mãos atadas”, sem saber direito como lidar com essa realidade. Além destas questões, ele ainda se depara com a situação de ter prazo determinado pela instituição para cumprir com um currículo, no entanto, várias são suas atribuições no cotidiano de uma sala de aula, que impedem muitas vezes que isso aconteça, e são questões que não podem passar despercebidas, já que é da alçada do ser docente, garantir não somente a transmissão dos conteúdos, mas também, o docente precisa dar conta de formar os sujeitos, nos aspectos relacionados ao seu desenvolvimento intelectual, físico, emocional, social e cultural. Além destas funções, os professores desempenham um volume excessivo de trabalho, em um ritmo acelerado no qual o tempo é insuficiente para realização das tarefas.

Todas estas tarefas são realizadas em um lugar organizado, ou seja, a escola. Que tem características organizacionais e sociais que influenciam no trabalho docente. Ela define como o trabalho dos professores é repartido, realizado, planejado, supervisionado e remunerado. Além disso, a escola

[...] reproduz no plano de sua organização interna um grande número de características tiradas do mundo usineiro e militar do Estado. Ela trata uma grande massa de

indivíduos de acordo com padrões uniformes por um longo período de tempo, para reproduzir resultados semelhantes. Ela submete esses indivíduos (professores e alunos) a regras impessoais, gerais, abstratas fixadas por lei e regulamentos. Ela estabelece um sistema de vigilância, de punições e recompensas que não se limita aos “conteúdos da aprendizagem”, mas também a suas formas e modos: atitudes e posturas corporais, modos de se exprimir, de sentar-se, [...]. (TARDIF e LESSARD, 2013, p. 24).

Dessa forma, o modo como a escola é organizada afeta profundamente o trabalho docente: sua atividade pedagógica, sua experiência e seu status profissional, e as relações interpessoais que os docentes estabelecem entre si.

Todas estas expectativas, em torno do trabalho docente, segundo Pimenta (1999) aumentam os conflitos dos professores, pois os mesmos sentem-se impotentes e fragilizados diante dos resultados esperados pela sociedade que espera a atuação do super-herói ou de um profissional que atue por vocação. E ao não atingir os objetivos idealizados para seu trabalho, eles se sentem culpados.

A partir daí as exigências, expectativas e cobranças perante a escola se acentuaram cada vez mais, o professor e a escola precisam ser multitarefas, e se faz necessário, tanto um quanto a outra, serem capazes de promover a resolução de questões, sejam elas internas e/ou externas à escola. Inquestionavelmente, a escola contemporânea é uma escola atarefada, várias são suas responsabilidades, que acabam por refletir na atividade do ser docente, que diante de várias demandas pertencentes à escola e também a ele, o professor acaba sendo psicólogo, cuidador, amigo, conselheiro, aquele que resolve conflitos, assistente social, entre outras coisas, além de ter de ser professor. Diante destas verdades (BASTOS, 2009, p. 13), declara o seguinte:

[...] Espera-se que o professor se envolva com o planejamento, com o desenvolvimento e criação de estratégias diversificadas de avaliação do processo ensino aprendizagem; que assuma a execução de contínuas reestruturações curriculares; que execute tarefas burocráticas e ocupe-se com problemas administrativos e disciplinares, e participe de conselhos de classe e colegiados escolares. [...] Também lhe é solicitado que estabeleça novas relações com a comunidade escolar e com os familiares dos alunos; que receba e oriente os pais dos alunos sobre o rendimento escolar de seus filhos; que supervisione o recreio, que acompanhe os alunos no refeitório e até mesmo no transporte escolar.

Diante deste contexto, o professor acaba por internalizar várias identidades, que fogem daquilo que seja pertinente ao ser docente. Será que é possível ao professor separar cada situação? Será que as várias alçadas que ele precisa desenvolver não fazem com que ele perca a identidade e a finalidade de ser docente? Todas essas tarefas exercidas pelo docente acabam ocasionando mal-estar nos professores, que em meio a essa turbulência de acontecimentos se

encontram instáveis diante das mudanças sociais que se relacionam à valorização da educação, do ensino, da escola, e dos profissionais que nela estão inseridos (ESTEVE, 1999).

E se não bastasse todas essas cobranças feitas ao professor, ele ainda se debate com questões burocráticas de ter que a todo custo entregar resultados, e uma grade de conteúdos concluída no tempo estimado pela direção escolar. Nesse sentido, Tardif e Lessard (2013, p. 55, 56.), enfatizam que

[...] a escola se caracteriza amplamente pela codificação e a burocratização do trabalho dos agentes que ali trabalham. Basta olhar a espessura e a complexidade das regras administrativas que regem as relações de trabalho dentro das escolas na maioria dos países para dar-se conta disso. Assim, o contexto escolar constitui, concretamente, um verdadeiro ambiente cuja contingência pesa enormemente sobre as condições de trabalho dos professores. Por exemplo, veremos que a falta de recursos e de tempo e a escassez de instrumentos pedagógicos são fatores “materiais” frequentemente mencionados pelos professores como estando entre as maiores dificuldades dessa profissão

Portanto, percebe-se que essa questão também perpassa pela desvalorização da educação, visto que o que vemos em nossas instituições escolares é uma estrutura deficitária, poucos recursos destinados à educação e poucos professores para atender as demandas exigidas pela escola e todas essas questões acontecem desde o ensino básico até a universidade. Além disso, podemos citar as reformas educacionais que causaram perda de direitos e perda de autonomia dos professores, uma vez que há um total controle do trabalho do professor, tais como a utilização de cartilhas que dizem como o professor deve desempenhar a sua função passo a passo.

Ao refletir sobre essas questões é que se pensa, que talvez sejam a grande demanda de tarefas, a desvalorização do trabalho docente e a burocratização escolar algumas das causas do sofrimento do professor, este sentimento de frustração e uma imensa angústia, pelo fato de em muitos casos, ele se confundir quanto à sua real função de ser docente, ele se sente decepcionado por não conseguir fazer com excelência nem uma coisa nem outra, acarretando um desânimo quanto à profissão e o desejo de desistir do ofício. Este professor cheio de responsabilidades do contexto atual, frequentemente se encontra desanimado, frustrado e angustiado, devido à grande carga laboral que lhe é atribuída no exercício de sua profissão.

1. 1 Adoecimento docente

O adoecimento docente, geralmente, é desenvolvido a partir das inúmeras exigências da profissão que consomem a energia do professor, causando com isso “o stress, o absenteísmo, o baixo empenhamento profissional, o desejo de abandono da profissão docente, podendo, em situação de maior gravidade, traduzir-se em estados de exaustão e até de depressão” (JESUS, 1998, p. 21). O primeiro passo do adoecimento é manifestado a partir de um mal-estar que é conceituado por Esteve (1999) como um sentimento de incômodo, de angústia e frustração, que surge em decorrência dos esforços do professor para corresponder às exigências da profissão.

Este adoecimento é ocasionado por vários fatores, tais como: massificação do ensino; alterações ocorridas na estrutura das famílias, contradições que há no exercício educativo, o acelerado desenvolvimento tecnológico e a ruptura do consenso social sobre a educação. Esse mal-estar, segundo Esteve (1999), manifesta-se por meio de sintomas físicos como úlceras, insônias, tensão muscular, problemas de coluna, doenças cardiovasculares, afecções da laringe e pregas vocais a sintomas psicológicos, tais como ansiedade e depressão, até chegar a graves comprometimentos da saúde mental. Portanto, o mal-estar docente consiste em um sintoma causado pelo estresse da profissão, o qual não tratado pode vir a causar até mesmo a Síndrome de Burnout.

A Síndrome de Burnout tem como principais características o estado de tensão emocional e estresse crônicos, provocados por condições de trabalho: físicas, emocionais e psicológicas desgastantes. A Síndrome de Burnout é definida por (MALASH & JACKSON, 1981, apud BASTOS, 2009, p. 17).

Como uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com outros seres humanos, particularmente quando estes estão preocupados, ou com problemas. [...] A síndrome pode ser entendida como um conceito multidimensional que engloba três componentes: a) exaustão emocional: esgotamento da energia e dos recursos emocionais próprios, devido ao contato diário com os problemas. Neste caso os trabalhadores podem se sentir incapacitados a oferecer mais de si mesmos a nível afetivo; b) despersonalização: sentimento e atitudes negativas e de cinismo frente às pessoas destinatárias do trabalho (usuários/clientes), podendo gerar endurecimento afetivo e “coisificação” da relação; c) falta de envolvimento pessoal no trabalho: tendência a uma evolução negativa, no trabalho, que pode afetar a habilidade para a realização do trabalho e o atendimento às pessoas usuárias do trabalho e a própria organização.

Um dos sintomas dessa síndrome pode ser identificado na mudança de humor, pensamentos negativos, agressividade, isolamento, ausências no trabalho, ansiedade, depressão e baixa autoestima. Ainda conforme Bastos (2009 p. 18).

O professor, portador de burnout, poderá apresentar dificuldades em manifestar o mínimo de empatia necessária à transmissão de conhecimento, associado a quadros de ansiedade, melancolia, baixa auto-estima, sentimento de exaustão física e emocional, alterações na dinâmica psíquica e por fim, aquele perfil, geralmente, eufórico do início de carreira cede lugar à dificuldade em lidar com afetividade e a uma conduta mais depressiva.

A falta de empatia faz com que o docente enxergue o aluno como uma coisa e não como uma pessoa, essa conduta acaba dificultando e trazendo distanciamento na relação professor-aluno e isso resulta no mau rendimento escolar por parte do aluno, e intensificando ainda mais as angústias e o sentimento de impotência por parte do professor, agravando ainda mais a Síndrome de Burnout.

Esta síndrome é considerada como a síndrome do final do século, que atinge com maior frequência trabalhadores da educação e da saúde. Muitas são as dificuldades encontradas na caminhada de ser docente, por ser uma profissão que requer não somente o domínio de conteúdos, requer algo a mais, é necessário ter amor pelas pessoas, amor pelo processo de ensino, e acima de tudo, o professor precisa ter ciência do quão importante e valoroso é, a sua função na formação de outro indivíduo.

Tudo isso falado é lindo e perfeito no discurso, a mídia propaga isso todos os dias através das redes sociais ou televisivas. Mas, a questão é, como o professor pode exercer seu ofício com dignidade e paixão quando ele sofre tanta discriminação e tanto desestímulo na sua profissão. Quando a demanda de trabalho é exaustiva e ele começa a se questionar sobre a sua real função, quando ele percebe que, além de ter que dar o resultado que a sociedade requer dele, ele ainda precisa cumprir com prazos e currículos concluídos em tempo pré-estabelecido. Diante de todas estas questões aqui expostas é que se busca compreender de onde vêm as angústias e frustrações dos professores e como eles lidam com essa realidade e com esses sentimentos que os envolvem dia após dia.

2. PODCAST

Este capítulo tem como objetivo apresentar o percurso trilhado por nós na construção do nosso podcast, produto midiático escolhido para retratar o mal-estar e adoecimento no exercício da função docente, a partir dos relatos de duas professoras. Assim, primeiramente, apresentaremos um breve apanhado teórico acerca da definição, do contexto, das características e da função de um podcast. Em seguida, mostraremos os passos que foram pensados visando à construção do podcast. E depois narraremos as experiências relatadas pelas professoras entrevistadas.

2.1. Conceituando o podcast

O podcast é definido por Primo (2005, p. 17), como “um processo midiático que emerge a partir da publicação de arquivos áudio na Internet”. Outro conceito de podcast, encontramos a partir do pensamento de Bottentuit Junior e Coutinho (2007, p. 839) que definem o podcast como sendo um “acto de gravar ou divulgar os ficheiros na web; e por fim designa-se por podcast o indivíduo que produz”.

Para que estas transmissões sejam possíveis, há na Internet alguns softwares para gravação e edição digital de áudio, além de vinhetas e músicas de uso livre que, conforme Primo, “pode ser produzido por uma única pessoa tendo como recurso apenas um microfone ou gravador digital, um computador conectado na Internet e algum servidor na rede para armazenamento de seus programas” (2005, p. 7).

O podcast é classificado por Medeiros a partir de quatro modelos diferentes que são denominados como: modelo metáfora, modelo editado, modelo registro e modelo educacionais.

O modelo “Editado” surgiu como uma alternativa para aqueles ouvintes que perderam a hora do seu programa favorito, mas ainda desejam ouvi-lo. As emissoras de rádio editam os programas que foram veiculados na programação em tempo real, disponibilizando-o no seu site para ser ouvidos à posterior pelo ouvinte “descuidado” como, por exemplo, os arquivos sonoros disponibilizados por emissoras de rádio como a BBC. [...] O modelo “Registro” é também conhecido com “audioblog”. Neste modelo o mais curioso é que possuem temas diversos. É possível encontrar podcasts com conteúdos que vão dos mais específicos como notícias e comentários de tecnologia [...] guias de turismo, ou até mesmo “desabafos em um congestionamento”. [...] O último modelo, cuja utilidade é mais recente e associada à educação a distância, são os “Educaçãoais”. Através desse modelo de podcast é possível disponibilizar aulas, muitas vezes em forma de edições continuadas, semelhantes aos antigos fascículos de cursos de línguas que eram vendidos nas bancas de revistas. (Medeiros 2007 apud Bottentuit Junior e Coutinho, 2009, p. 2119, 2120).

Desse modo, nota-se que o podcast é um recurso que pode ser utilizado em vários contextos, tais como: nas reuniões, nos programas jornalísticos, nos programas de entretenimento e também nas apresentações de trabalhos de cunho científico. Além destes temas já abordados, o podcast pode auxiliar no contexto educativo. Segundo Sousa e Bessa (2008), o podcast pode ser usado para a abordagem de conteúdos didáticos; apresentação de narrações e leituras. Segundo estes autores o podcast também pode ser utilizado como um recurso para a prática de uma pedagogia ativa, pois com o desenvolvimento de um podcast o aluno pode desempenhar a posição de produtor, construindo e publicando os seus episódios de podcast. Os quais podem ser ouvidos em qualquer lugar, desde que se tenha um aparelho móvel.

Portanto, entende-se que o podcast pode ser aplicado no ensino-aprendizagem, visto que ele tanto pode ser utilizado como um recurso, servindo de material didático para diversas disciplinas curriculares, como também pode ser cobrado como um produto avaliativo de algum conteúdo curricular. Para isso, é necessário que o professor seja crítico, criativo e um mediador. Tendo a percepção de que o podcast é um recurso e uma fonte que pode ser utilizada de diversas formas.

2.2. Construção do podcast

Este podcast foi construído a partir das experiências pessoais relatadas pelas professoras entrevistadas e se destina à professores, aos órgãos educacionais, aos futuros professores e também à comunidade como um todo, pois pode contribuir com elementos de reflexão sobre a realidade do trabalho docente. Esse podcast pode ser acessado por meio da plataforma “SoundCloud”.

Para produzir este podcast, primeiramente, pensamos em como poderíamos fazer a entrevista, já que o Brasil está passando por um momento de epidemia da Covid-19. Isso inviabilizou os encontros presenciais que gostaríamos de ter com os sujeitos da nossa pesquisa. Por conta disso, decidimos que íamos pedir aos entrevistados para nos enviar os áudios com as respostas por meio do WhatsApp.

Depois desse momento, fizemos uma seleção para a escolha dos participantes da nossa entrevista. Pensamos em fazer um recorte entre professoras que estão doentes por conta do trabalho ou professoras que já adoeceram em decorrência do trabalho. A partir dessa decisão, entramos em contato com algumas professoras e expomos o nosso objetivo de pesquisa a fim

de sabermos se eles se encaixavam no problema proposto. Nessa caminhada, alguns professores disseram que não se encaixavam na problemática da nossa pesquisa e outros falaram que sim, mas que não se sentiam à vontade para falar sobre essas questões. Embora, esse fato tenha nos deixado preocupadas, conseguimos a participação de duas professoras que aceitaram prontamente colaborar com o nosso trabalho.

A partir daí, fizemos um roteiro para entrevista semiestruturada que foi realizada com duas professoras que lecionam na cidade de Juazeiro- BA. Estas docentes tiveram seus nomes substituídos por nomes fictícios: Rosa e Margarida. A primeira é formada em Pedagogia e tem pós-graduação em Psicopedagogia, trabalha na rede municipal no Ensino Fundamental I e é concursada e a segunda é formada em Letras Língua Portuguesa e suas Literaturas e trabalha em uma escola particular no Ensino Fundamental II, Ensino Médio e também como coordenadora. Logo após esse primeiro contato com as docentes, enviamos o roteiro da entrevista semiestruturada com as questões de pesquisa e solicitamos às professoras que nos devolvessem as respostas em áudios pelo WhatsApp. Elas gravaram os áudios em suas casas e posteriormente os enviaram para nós. Assim que os áudios chegaram até nós, eles foram ouvidos, organizados e sequenciados, conforme as respostas dadas, para comporem a parte de dados do nosso podcast.

Com os áudios em mãos, surgiu outro dilema em torno de como iríamos fazer o podcast, ou seja, como organizaríamos o podcast. Isso demandou de nós um aprendizado específico, pois tivemos que estabelecer um roteiro para a edição das sequências de áudios de narração com as vozes das entrevistadas e também com as nossas vozes. Como não tínhamos conhecimentos suficientes sobre a elaboração de um podcast, fomos ler alguns teóricos que falam sobre podcast.

Depois dessas leituras e de conversas com o nosso orientador percebemos que precisaríamos fazer um roteiro de apresentação do podcast. Nesse roteiro, descrevemos de forma sistemática os pontos que seguiríamos no momento de edição. Definimos que colocaríamos efeitos sonoros. Na introdução, nos apresentaríamos como alunas e pesquisadoras, apresentaríamos o tema da nossa pesquisa, os objetivos, a justificativa, a metodologia e também que faríamos três blocos de questões sobre a caracterização docente; as demandas de trabalho como possíveis causas do adoecimento docente e as providências tomadas diante do adoecimento.

Outra questão que pensamos em nosso roteiro foi o tempo de gravação e ficou definido que o nosso podcast teria 15 minutos, mas não foi possível abordar todas as questões que

pensamos nesse tempo. Portanto, o podcast ficou com 23:55 minutos de duração. Também pensamos acerca dos equipamentos que íamos utilizar e decidimos que precisávamos de celular para a gravação dos áudios e para a edição do podcast, fone de ouvido para ouvir os áudios e notebook para a escrita de todas as partes que compõem esse memorial.

A nossa próxima etapa, foi a edição do áudio na qual tivemos a ajuda de Patrícia que fez o processo de cortes e a inserção de efeitos sonoros no podcast. Inicialmente os áudios ficaram muito grandes, mas fizemos uma seleção para colher somente os dados que respondem os objetivos da nossa pesquisa. A seguir apresentaremos o roteiro que fizemos para construção desse podcast.

2.2.1. Roteiro do podcast

a) Introdução do podcast:

Música e efeitos sonoros.

Voz de Tathiana: Olá! Eu sou Tathiana e, juntamente com Elissandra, formamos uma dupla para elaboração no nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), exigência parcial para a conclusão do curso de Pedagogia que fazemos na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) campus III, na cidade de Juazeiro, BA.

Voz de Elissandra: Olá! Eu sou Elissandra. O nosso TCC consiste num produto midiático, no caso, um podcast, trabalho produzido sob a orientação do professor Dr. Josemar Martins Pinzoh.

Voz de Tathiana: O tema do nosso podcast é “*As angústias de ser docente: aspectos do trabalho que ocasionam o adoecimento no exercício da profissão*” e se organiza em torno da questão “De que forma as demandas laborais, a desvalorização da profissão docente e as pressões burocráticas contribuem para o adoecimento dos professores da escola contemporânea? O objetivo principal, é “Compreender de que forma as demandas laborais, a desvalorização da profissão docente e as pressões burocráticas contribuem para o adoecimento dos professores da escola contemporânea”.

Voz de Elissandra: Esse tema foi escolhido por conta da inquietação que sentíamos nos estágios, na experiência que vivemos como bolsistas do PIBID e da Residência Pedagógica.

Voz de Tathiana: Nessas experiências percebemos que há uma grande demanda de trabalho que os professores precisam desempenhar em um tempo estipulado. Onde os professores,

geralmente, não conseguem cumprir com os prazos determinados pela escola, pois, várias são as suas atribuições.

Voz de Tathiana: Desta forma, todo o tempo do professor é ocupado com demandas e metas que nem sempre estão relacionadas com a sua função enquanto profissional docente, e quando não consegue cumprir plenamente a essa programação do currículo e das funções sociais da escola no tempo estabelecido, desencadeia pensamentos e sentimentos de frustração, além de esgotamento e cansaço.

Voz de Elissandra: Por conta disso, defendemos que essa pesquisa tem grande relevância para o meio acadêmico, educacional e social, pois, possibilitará aos docentes expressarem suas angústias e o que entendem serem as causas e consequências do adoecimento que surge no exercício de suas funções docentes.

Música e efeitos sonoros.

Voz de Tathiana: Para alcançar o objetivo, a metodologia foi qualitativa, integrando uma parte de estudo teórico sobre o tema, lendo e acompanhando pesquisa que já vem sendo feita, e outra parte de conversa com professoras que passam por problemas de saúde decorrentes da sua função como docente.

Voz de Elissandra: Foram selecionadas e entrevistadas duas professoras que vivenciam casos de adoecimento decorrente do trabalho. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista feita através do uso do recurso dos áudios do WhatsApp a partir de um roteiro semiestruturado.

Música e efeitos sonoros.

b) Fundamentação teórica:

Voz de Tathiana: o tema pesquisado está dentro da temática do chamado “mal-estar” na educação, ou sofrimento docente, adoecimento de professores, Síndrome de Burnout etc. Assim, selecionamos alguns autores como O nosso professor Doutor e orientador Martins (2012) aborda as questões relacionadas a carga excessiva de tarefas atribuídas aos professores da Escola atual, onde ele relata que A escola contemporânea é uma instituição atarefada, de acordo com Martins (2012, p. 2), o professor tornou-se "o único personagem que suporta, sobre seus ombros, o peso da responsabilidade de responder às demandas encaminhadas à escola e também a crítica a ela dirigida.

Voz de Elissandra: Esteve (1996) e (1999) que tem como foco a relação entre as mudanças sociais e a função docente. Ele aborda também sintomas como: ansiedade, depressão, comprometimento na saúde mental que pode ocasionar a síndrome de Burnout.

Voz de Tathiana: A Síndrome de Burnout é definida por (MALASH E JACKSON, 1981, apud BASTOS, 2009, p. 17) “Como uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com outros seres humanos, particularmente quando estes estão preocupados, ou com problemas”.

Voz de Elissandra: Jesus (1998) também discute o bem-estar dos professores e as estratégias para realização e desenvolvimento profissional destes.

Voz de Tathiana: Além dos autores citados foram pesquisados autores como: Bastos (2009), Manfré (2014), Pimenta (1999), Tardif e Lessard (2013).

Música e efeitos sonoros.

c) Bloco com as entrevistas das professoras:

Voz de Tathiana: O podcast foi dividido em três blocos: No primeiro bloco, apresentaremos a caracterização das professoras; no segundo as questões referentes ao trabalho e o adoecimento docente e no terceiro as questões referentes ao modo como os docentes lidam com a doença.

d) Primeiro bloco:

Voz de Elissandra: Neste primeiro bloco, as professoras apresentaram as suas características.

Voz de Elissandra As professoras entrevistadas terão nomes fictícios, por isso chamaremos a primeira de Rosa e a segunda de Margarida.

Voz da professora Rosa sobre suas características enquanto docente;

Voz da professora Margarida sobre suas características enquanto docente.

e) Segundo bloco:

Voz de Tathiana: No segundo bloco, será abordado as questões referentes ao trabalho e ao adoecimento docente

Voz de Tatiana. O trabalho afeta a sua saúde?

Voz da professora Rosa em relação ao trabalho e ao adoecimento;

Voz da professora Margarida em relação ao trabalho e ao adoecimento.

Voz de Tathiana. Quais são os tipos de coisas no trabalho que afetam a sua saúde?

Voz da professora Rosa no que diz respeito às funções da sua profissão que afetam a sua saúde.

Voz da professora Margarida no que diz respeito às funções da sua profissão que afetam a sua saúde.

Voz de Elissandra. Este adoecimento ocasionou algum dano físico, psicológico, emocional?

Voz da professora Rosa concernente às consequências do adoecimento na sua vida pessoal e profissional.

Voz da professora Margarida concernente às consequências do adoecimento na sua vida pessoal e profissional.

f) Terceiro bloco:

Voz de Elissandra: Nesse terceiro bloco abordaremos questões referentes ao modo como os docentes lidam com a doença.

Voz de Elissandra. Que tipo de providência já tomou em relação ao adoecimento?

Voz da professora Rosa em relação às medidas tomadas diante do adoecimento;

Voz da professora Margarida em relação às medidas tomadas diante do adoecimento.

Voz de Elissandra. Como lida atualmente com a doença e a controla?

Voz da professora Rosa sobre o tratamento da doença.

Voz da professora Margarida sobre o tratamento da doença.

Voz de Elissandra. Goza de momentos de lazer?

Voz da professora Rosa acerca do lazer.

Voz da professora Margarida acerca do lazer.

Música e efeitos sonoros.

g) Último Bloco com algumas considerações:

Voz de Tathiana. Portanto, a realização deste podcast foi muito importante para nós, pois nos possibilitou compreendermos um pouco sobre as angústias das professoras entrevistadas e as causas e consequências do adoecimento docente.

Voz de Elissandra. Percebemos que a questão do adoecimento docente é um problema recorrente na escola e também que este é um problema institucional, ou seja, surge nas relações

de trabalho na escola. Por isso, a escola precisa pensar sobre estas questões e procurar formas de evitar e também de assistir os professores quando estão doentes.

Voz de Tathiana. Os ouvintes que estiverem interessados em se aprofundar nesse assunto poderão, posteriormente, ler o nosso memorial e também pesquisar a partir dos autores que mencionamos no início do nosso podcast.

Voz de Tathiana. Créditos à Patrícia Nascimento que é estudante de publicidade e propaganda que foi quem nos ajudou com as questões relacionadas à edição do podcast.

Voz de Elissandra. Agradecimento aos ouvintes.

2.3. Dados colhidos na entrevista

Neste podcast apresentamos as experiências de duas professoras da Educação Básica da cidade de Juazeiro-BA. Como foi dito anteriormente, separamos os dados colhidos em três blocos que construímos baseados nos nossos objetivos específicos: Caracterizar o perfil do docente atarefado, típico da organização do trabalho docente na escola contemporânea; Verificar quais são as causas do adoecimento pelo qual os professores passam e quais são as consequências dele na psique e no corpo, bem como no trabalho docente e observar como o professor lida com o adoecimento decorrente da atual realidade do cotidiano de sala de aula.

Em relação às características das professoras entrevistadas, foi relatado pela professora Rosa que a mesma tem 46 anos de idade. É formada em pós-graduação em Psicopedagogia. Leciona há 10 anos na rede municipal de Juazeiro-BA. A jornada de trabalho dela é de 40 horas. Trabalha em uma escola apenas, como professora do 2º ano do Ensino Fundamental I. Já a professora Margarida nos afirmou que tem 34 anos. É formada em Língua Portuguesa e suas Literaturas na UPE. Leciona há 14 anos. Já trabalhou na rede pública por um espaço pequeno de tempo e depois começou a lecionar em escolas particulares. Ela relata que houve um tempo em que trabalhou nos três turnos em oito escolas diferentes: pegava três aulas em uma escola, quatro em outra e dez aulas em outra. Já lecionou em todos os níveis da educação básica. Nos últimos anos, de 2014 até 2020, lecionou do sexto ano até o terceiro ano do ensino médio e também em curso pré-vestibular.

No que diz respeito às tarefas que são desempenhadas pelas professoras no seu cotidiano de sala de aula, a professora Rosa nos disse que as funções que ela desenvolve com frequência na escola são as relacionadas ao ensino e também as tarefas burocráticas, tais como: preenchimentos de diários, preenchimentos de planilhas, relatórios individuais e que estas

tarefas são bimestrais. Segundo a docente, as muitas tarefas no exercício da sua função a deixa cansada, porque muitas vezes ela precisa estar atenta não apenas para atender ao aluno, mas também para dar um retorno de forma escrita.

E as tarefas desenvolvidas pela docente Margarida nas escolas em que trabalhou foram: rotina de planejamentos semestral, mensal, quinzenal, semanal e diário. Ressalta que estes planejamentos levam muito tempo para serem elaborados, há elaboração de atividades, há elaboração de trabalhos, há elaboração das avaliações de forma geral e estas tarefas faz com que ela aumente a sua carga horária em quatro horas semanais. Na sua concepção, o exercício da função a deixa atarefada, ao ponto de sua mente não parar de pensar no trabalho. Assim, percebe-se que essa organização do trabalho docente planejada de forma burocrática, sistêmica e de forma contínua causa o sofrimento emocional e corporal das professoras entrevistadas.

Quanto às causas do adoecimento, pelo qual as professoras passam e quais são as consequências dele na psique, no corpo e no trabalho docente, fizemos um bloco em que as professoras falam sobre a relação entre os seus trabalhos e o adoecimento pelos quais elas passam. A professora Rosa declara que se sente doente e acha que uma das causas seja o fato de preocupar-se com os alunos, olhar para eles com amor e como um ser único e acaba absorvendo muitas vezes um problema que não pode resolver, mas que está fazendo o seu aluno sofrer e na tentativa de ajudá-lo ela ouve estes alunos e tenta acompanhá-los. Além destes fatores, há em seu trabalho outras questões que afetam a sua saúde, tais como: as questões referentes ao fato de trabalhar além da sua carga horária; as questões burocráticas, a questão da realidade dos alunos, a realidade das famílias ausentes, a questão de não se sentir preparada para lidar com questões que o aluno traz da sua vida pessoal.

Assim, percebe-se a partir das falas das professoras que as transformações sociais são uma das causas do adoecimento docente. Nesse ponto, Lima e Carvalho (2013, p. 296), confirmam esse pensamento, uma vez que para estas autoras os “impactos nessa profissão acontecem, por exemplo, pelas transformações que decorrem do surgimento [...] da nova configuração familiar dos alunos e do aumento de exigências em relação ao professor”.

Ainda falando sobre as transformações sociais atribuídas ao profissional docente, Martins (2019, p. 11) enfatiza que “com tantas novas atribuições adicionadas à escola, o único profissional que é convocado a assumir tais novas demandas é o mesmo professor, [...], aliás, sempre recapitado na direção desse intuito”. Todas estas demandas da escola sendo atribuídas à função docente, na concepção da professora Rosa, com certeza a adoce e os sintomas são:

sudorese, taquicardia, ansiedade, depressão. Este adoecimento ocasionou o seu recolhimento, ou seja, o desejo de ficar sozinha.

A professora Margarida declara que adoeceu na sala de aula na última escola em que trabalhou. Ela ressaltou que foi uma professora de destaque por três anos e foi homenageada justamente por um bom trabalho e por ter uma boa abordagem com os alunos. E com isso vieram grandes responsabilidades. A partir do momento em que ela se destacava ganhava mais turmas e também mais funções. E chegou a ficar com 14 turmas, duas disciplinas diferentes e também com a coordenação dos segmentos do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

O fato de trabalhar em várias turmas, para a professora Margarida, era muito bom em questão de rentabilidade e de realização profissional, mas a questão pessoal ela só observou quando teve que parar de trabalhar por conta da doença. Ela falou que passou a se sentir doente sempre quando chegava ao corredor da escola para ir para a sala de aula e começava a falhar a mente e começou a ter pequenos apagões, e às vezes, não sabia para qual turma ia entrava na sala, olhava os alunos e a primeira sensação que teve foi de desconforto em ter que entrar e começar tudo aquilo de novo.

Depois essa situação foi se agravando e ela começou a sentir dores de cabeça sempre quando chegava a hora de ir ao trabalho. Após as dores de cabeça, ela também passou a ter muita diarreia quando chegava a hora de ir à escola. Isso tudo fazia com que ela se atrasasse para o trabalho, pois não conseguia sair. Com o tempo a doença foi se agravando e a professora Margarida passou a ter apagões com mais frequência e como ela lecionava duas línguas diferentes que era a Língua Portuguesa e a Língua Espanhola, começou a fazer confusão entre as duas línguas, a confundir sobre qual conteúdo lecionar, a ficar em frente aos alunos e em questão de segundos não se reconhecer naquele espaço, não reconhecer aquelas pessoas que estavam na sua frente. Então, ela começou a ficar angustiada, mas devido ao fato de ter muitas funções, pensou que fosse estafa ou estresse.

Além destas questões relacionadas ao trabalho, a professora Margarida elenca outros fatores que afetam a sua saúde, como por exemplo, a burocracia porque o que antes ela achava que fazia parte do processo organizacional que era algo para poder realmente delimitar o seu trabalho. Ela percebeu depois de inserida no tratamento que era uma jornada exaustiva: ela tinha que apresentar os trabalhos todos, o planejamento todo detalhado e em um semestre todas as avaliações, mesmo sabendo que no decorrer da aula iria mudar. Então, ficava fazendo e refazendo o mesmo trabalho. Por isso ela diz que o trabalho afeta a sua saúde e um dos fatores é a questão do trabalho não se resumir apenas ao conteúdo em si de sala de aula, uma vez que

tem toda essa rotina antes da aula, durante e após a aula. Também tem as questões relacionadas à vida dos alunos.

Todas as demandas do trabalho, fez com que a professora Margarida ficasse nervosa e agitada, ocasionando problemas de relacionamento interpessoal. Conforme ela, as pessoas não podiam olhar para ela diferente ou falar num tom diferente, pois logo ficava agressiva. No entanto, depois da consulta com o médico, percebeu que as pessoas já tinham falado do seu comportamento, que ela não era mais aquela pessoa que sorria, que era alegre, que brincava. Agora estava sempre ansiosa, nervosa, agitada, querendo realizar suas funções rápido.

Considerando a narração feita pelas professoras Rosa e Margarida, nota-se que as mesmas, por conta da sobrecarga de trabalho, ficaram cansadas e desmotivadas com a profissão docente. E este desinteresse diante da profissão é denominado por Esteve (1999) como efeitos negativos que advêm das condições pedagógicas, psicológicas e sociais que afetam a personalidade do professor que estão interligadas com as mudanças ocorridas no âmbito social e múltiplas funções que este precisa desempenhar. Desse modo, percebe-se, por meio dos relatos das professoras, que o adoecimento docente tem várias causas.

No que concerne à forma como as professoras lidam com o adoecimento, fizemos um bloco no qual as professoras relatam as providências que tomaram quando se sentiram doente. A professora Rosa relatou que ao se sentir doente, procurou um médico e já está fazendo o tratamento com medicação. Ela também ressaltou que a direção da escola e a equipe administrativa já tem conhecimento do seu adoecimento, o qual ocasionou o seu afastamento temporariamente.

A professora Margarida, relatou que procurou um psiquiatra e que tinha consulta com ele a cada 15 dias e que na primeira consulta o médico deu um pré-diagnóstico de estresse e ansiedade e depois de quase três horas de consulta ele disse que ela precisaria fazer um acompanhamento quinzenal, e falou que ia afastá-la por 15 dias, porém o médico enfatizou que ele não sabia em que momento ela poderia voltar para a sala de aula. Depois de dois meses o médico disse que ela estava com Transtorno de Ansiedade Generalizada mais Depressão. Ao final do semestre o médico explicou-lhe que existe uma Síndrome chamada Síndrome de Burnout e que essa encaixava em todos os seus sintomas.

A partir desse momento, ela ficou seis meses afastada pelo INSS, porque o médico foi bem categórico, ele disse que se ela não se afastasse naquele momento talvez em dois anos o seu afastamento seria permanente. Depois desse momento, ela teve que começar com a terapia medicamentosa, porque o médico disse que ela não estava pronta ainda para psicoterapia. Ela

ênfatiza que tomar esta atitude foi bem complicado, porque ela trabalhava 16 horas por dia e com o tratamento ela precisou modificar a sua rotina, a qual se resumiu a remédios, a passear, a fazer exercícios e a dormir.

Ao falar com a direção da escola sobre o seu adoecimento, a professora Margarida afirma que a reação da escola não foi de pressionar a voltar em nenhum momento, como na escola os profissionais tinham a política de deixar tudo planejado antes, foi fácil para a outra pessoa assumir o lugar dela. E quando ela retornou dos seis meses de afastamento, eles continuaram pagando uma outra pessoa sem tirar do seu salário para que dividisse os afazeres com ela. Neste ponto, ela já não estava mais com a parte da coordenação e a parte de sala de aula foi dividida com outro professor. Então, reafirma que se tratando de instituição escola ela foi bem assistida.

Por fim, apresentamos no nosso podcast algumas questões que as professoras entrevistadas gostariam de mudar na sua atividade como docente. A professora Rosa disse que mudaria algumas coisas na sua profissão e na vida pessoal também. E a professora Margarida falou que já realizou várias mudanças na sua profissão. Após tentar voltar para a sala de aula, percebeu que aquele ambiente não pertencia mais a ela, pois não se sentia mais confortável desempenhando aquela função.

Por isso, ela decidiu sair do trabalho definitivamente e foi como um choque porque passou quinze anos de sua vida fazendo isso e só sabia fazer isso. Atualmente ela lida bem com a doença, já não precisa mais tomar os remédios para ansiedade, só precisa tomar um remédio dia sim e dia não para dormir. Ela disse que ainda tem um pico de ansiedade, porque ainda tem muito sonhos com a escola, com a sala de aula e com todo o processo que passou. Mas sente saudade da sala de aula. Só que nesse processo de autoconhecimento, de tratamento para chegar a uma cura, a uma qualidade de vida. Hoje ela está trabalhando na área da farmácia. Se sente na zona de conforto se permitindo ter momentos de lazer.

Dessa forma, entende-se que a realização do trabalho exigida pela escola em um tempo determinado e de forma repetitiva causou angústias e doenças nas docentes entrevistadas. E isso foi prejudicial tanto para sua vida profissional quanto para sua vida pessoal. Por isso, concordamos com Martins (2019, p. 12) quando defende a reinvenção da escola, para ele

[...] é preciso reinventar a escola. Se ela é cada vez mais uma “agência de múltiplos serviços da inclusão”, se é cada vez mais uma “instituição atarefada”, ela não pode contar apenas com os tempos e espaços de sala de aula, nem apenas com o/a professor/a como seu único profissional. Se a escola tem que tratar da saúde, ela precisa de profissionais da saúde; se ela tem que oferecer arte e cultura, ela tem que

contar com profissionais da arte da cultura. Não dá para imaginar que iremos reunir num mesmo professor ou professora todas essas e outras competências.

Assim, a reinvenção da escola é urgente, pois se ela continuar do jeito que está o professor pode perder a sua identidade como docente e acabar abandonando a profissão, tal como a professora Margarida.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos a preparação para a realização do nosso podcast que é o produto deste memorial, fizemos uma pesquisa bibliográfica onde constatamos que os professores têm muitas demandas laborais que precisam ser desempenhadas não só na sala de aula como também questões burocráticas e sociais. Percebemos também que nem sempre o professor consegue cumprir com estas demandas, às vezes por falta de tempo ou por não ter competência para todas as funções que lhes são impostas. No entanto, o professor, no contexto escolar, é intitulado como o principal responsável pelo sucesso e pelo insucesso da escola. Isto, na nossa concepção, pode ser um dos aspectos que ocasiona o adoecimento dos professores.

Por isso, entendemos que compreender sobre as angústias em ser docente e os aspectos do trabalho que ocasionam o adoecimento no exercício da profissão é de grande relevância para nós enquanto estudantes, pesquisadoras e futuras professoras, pois durante muito tempo algo nos inquietava no quesito de entender o porquê foi atribuído ao professor uma carga laboral tão grande no exercício de sua profissão. E diante desta inquietude, buscamos compreender como o educador se sente diante de tantas dificuldades sofridas no dia a dia de sala de aula, e como essas pressões sofridas por ele pode ocasionar doenças e mal-estar, fazendo com que essa indisposição de cumprir com a sua função reflita até mesmo na vida dos estudantes.

Esta pesquisa, sem dúvida, foi para nós um campo aberto e vasto que nos possibilitou entendermos como pensam os educadores do *lócus* pesquisado e também trouxe uma satisfação de caráter pessoal, pois, com certeza também lidaremos com este tipo de situação e de frustração. Nesse sentido, ressaltamos que o nosso objetivo geral que consiste em compreender de que forma as demandas laborais, a desvalorização da profissão docente e as pressões burocráticas contribuem para o adoecimento dos professores da escola contemporânea foi atendido, uma vez que a pesquisa conseguiu constatar a partir do relato das duas professoras entrevistadas que a organização do trabalho docente da forma como ela é planejada e executada, atualmente, causa um cansaço muito grande nas professoras, tanto de ordem física como psíquica e emocional, pois elas passam muito tempo fazendo e refazendo a mesma função de forma contínua e sem tempo para a reflexão sobre o seu fazer pedagógico e também a escola ocupa até o tempo destinado para a sua vida pessoal, ou seja, para o cuidado de si.

Além disso, constatamos que por conta da sobrecarga de trabalho as professoras Rosa e Margarida tornaram-se cansadas e desmotivadas com a profissão docente. Nas ações das duas professoras percebe-se um cuidado muito grande com as suas ações enquanto docente, a

professora Rosa atribui muita expectativa na questão da realidade social de seus alunos e a professora Margarida colocou toda sua energia para manter o status que as pessoas que fazem parte do seu campo profissional lhe atribuíram. Todas estas coisas acabaram adoecendo ambas e esse adoecimento manifestou-se tanto de forma corporal como emocional. Comprovamos que as duas professoras fazem tratamento do adoecimento decorrente do trabalho docente com medicamentos, exceto a professora Margarida que, além do medicamento, mencionou alguns cuidados referentes ao sono e exercícios físicos e terapia.

Na pesquisa bibliográfica verificamos que o adoecimento docente é causado, em sua maioria, pelas questões relacionadas à organização do trabalho e pelas transformações sociais e que este adoecimento é manifestado por meio de mal-estar, sofrimento, angústia, estresse, depressão e Síndrome de Burnout. Todas estas questões observamos na nossa pesquisa de campo que deu origem ao nosso podcast. Por isso, ressaltamos que a nossa pesquisa de campo confirmou o pensamento dos teóricos estudados por nós.

Na construção do nosso podcast, tivemos algumas dificuldades em relação à entrevista, pois entramos em contato com várias professoras até conseguir as professoras que são sujeitos de nossa pesquisa. As que não aceitaram alegaram que nunca tinham adoecido por conta do trabalho e outras que falaram que se sentiam doentes por conta do trabalho, mas que não se sentiam à vontade para falar sobre o assunto.

Portanto, enfatizamos que os órgãos educacionais assim como a escola e seus agentes precisam pensar a organização do trabalho docente e sua relação com o adoecimento dos professores a partir de políticas públicas que valorize a constituição da identidade docente, que o professor possa ser considerado como profissional da educação e não como simples tarefeiro, apagador de incêndio ou sacerdote. E também são necessários espaços de convivência em que os docentes possam trocar experiências com seus colegas. E até poderia ser pensado a inserção de um psicólogo na escola com quem os professores pudessem falar sobre suas angústias e medos. Pois a partir da constituição desses espaços de fala os professores vão construindo suas identidades e com isso podem pensar formas de prevenir e curar o adoecimento de forma coletiva com toda a comunidade acadêmica.

Às pessoas que desejarem realizar uma pesquisa com o tema do adoecimento decorrente do trabalho docente, sugerimos que elas façam perguntas não tão diretas como nós fizemos, visto que observamos uma certa ressalva em falar sobre esse assunto. Além disso, aconselhamos que façam uma pesquisa com professores que conseguiram voltar para a sala de aula e

permanecer no trabalho com a mesma intensidade de antes da doença. E, se possível, insiram uma pesquisa com um psicólogo falando sobre estes assuntos.

Link do podcast:

https://soundcloud.com/pedagogia-delas/pedagogia?si=2f91e87a0b2d44119bf10712079cb3a9&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Josane Aparecida Quintão Romero. **O mal-estar docente, o adoecimento e as condições de trabalho no exercício do magistério, no ensino fundamental de Betim/MG.** Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte. 2009.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Nove questões frequentes sobre a investigação qualitativa e a ética.** In: BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.* Porto: Porto Editora, 1994.
- BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara Pereira. **Podcast em Educação: um contributo para o estado da arte.** 2007.
- BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara Pereira. **Podcast: uma ferramenta tecnológica para auxílio ao ensino de deficientes visuais.** 2009.
- DESLAURIERS, J.P.; KÉRISIT, M. O. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- ESTEVE, José Manuel. **Mudanças sociais e função docente.** In: NÓVOA, Antonio (org.) *Profissão professor.* Porto, Portugal: Porto Editora, 1996.
- _____. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. - São Paulo: Atlas, 2
- JESUS, Saul. Neves. **Bem-estar dos professores: Estratégias para realização e desenvolvimento profissional.** Porto: Porto Editora, 1998.
- LAKATOS, EVA MARIA. **Metodologia do trabalho científico.** 4ª ed. - São Paulo: Atlas, 1992.
- MANFRÉ, Ademir Henrique. **O mal-estar docente e os limites da experiência no tempo presente: uma leitura frankfurtiana.** 2014.
- MARTINS, Josemar da Silva. **O mal-estar no chão da escola fundamental.** ANPED (Associação Nacional de Pesquisa e Educação), Porto de Galinhas, PE, entre os dias 21 e 24 de outubro de 2012, GT 13 da 35ª, 2012.
- _____. **Escola Fundamental: a instituição atarefada.** In: RODRIGUES, J. R. G.; VIEIRA, J. N. (orgs.). **Paradigma cultural III: campo educacional e cultura escolar.** Curitiba: CRV, 2019, p. 193-205.
- MASLACH, C. & JACKSON, S. **The measurement of experienced burnout.** *Journal of Occupational Behavior*, 1981.
- MOSÉ, Viviane. **Pensamento chão: poemas em prosa e verso.** 7Letras, 2000.

NÓVOA, A. **Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, 2017.

OLIVEIRA, João Ferreira de. A articulação entre universidade e educação básica na formação inicial e continuada de professores: demandas contemporâneas, situação-problema e desafios atuais. **Educação básica e trabalho docente: políticas e práticas de formação.** Salvador: EDUFBA, 2010.

OLIVEIRA, Romualdo Portela. **Da universalização do ensino fundamental ao desafio da qualidade: uma análise histórica.** Educação & Sociedade. Campinas, Cedes, v. 28, n.100, p.661-690, out. 2007

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência.** Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, v. 4, 1999.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. **Intexto:** revista do mestrado da comunicação UFRGS. Vol. 2, n. 12 (jul./dez. 2005), p. 1-23, 2005.

SOUSA, Adão; BESSA, Fátima. Podcast e utilização do software Audacity. **AA Carvalho, Manual de Ferramentas da Web**, v. 2, p. 41-56, 2008.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; **O trabalho docente: elementos por uma teoria da docência como profissão de interação humana.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TEIXEIRA, Marcelo Mendonça; SILVA, Bento Duarte da. **Rádio web & podcast: conceitos e aplicações no ciberespaço educativo.** 2010.